

Preço avulso — 20 réis

GRANDE ELIAS

SEMÁRIO
ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL

JOAQUIM DOS ANJOS

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 números... 300 rs.
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 números... 400 rs.

LISBOA

19 de novembro de 1903

Editor: TIOMAZ RODRIGUES MARTINS
Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»
Largo do Conde Barão, 50

Individualidades Artísticas

Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo e Pedroso Rodrigues

Illustram hoje a primeira pagina do nosso semanario os retratos dos srs Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo e Pedroso Rodrigues, os tres auctores premiados no concurso dramatico ha pouco aberto pelo nosso pressado collega O Dia.

A respeitabilidade do jury, composto dos nossos mais considerados dramaturgos e escriptores, que classificou estas tres peças, é garantia bastante para se poder afirmar o valor dos respectivos trabalhos que esta noite, representados pelos nossos mais laureados artistas, poderão ser apreciados no theatro D. Amelia, tão gentilmente cedido pela empresa para tal fim.

Os auctores da *Tragedia antiga*, d'*A encruzilhada* e do *Auto pastoril*, se são tres nomes desconhecidos no theatro, não o são contudo no nosso meio litterario, onde os seus escriptos já desde ha muito figuram entre o que de mais perfeito se tem produzido ultimamente.

O *Grande Elias*, publicando os retratos dos novos escriptores, presta-lhes assim uma homenagem de apreço e admiração a que entende terem incontestavel direito e faz votos para que estas tres peças sejam o inicio de outros trabalhos de maior folego e onde mais ainda possam fazer realçar os brilhos dos seus talentos.

O espectáculo de hoje marcará por certo uma data gloriosa nos annos do movimento theatral portuguez, ultimamente tão pobre em originaes.

MISCELLANEA THEATRAL

Sob este titulo iniciaremos uma série de escriptos, cujo objecto é o *Theatro*, considerado sob os omnímodos aspectos, de que elle é susceptivel. E materia nunca nos fallecerá para estas palestras, nem experiencia pessoal occasseará no escriptor que, precisamente ha trinta annos, dá a lume, com interevidencias mais ou menos filitadas, estudos de critica dramatica, litteraria e de psychologia do mundo dos bastidores, profusamente estampados em tantissimos periodicos, de que não recordamos o nome, para não nos acouarem do velho tanto e relapso vultoso.

A benevolentemente direccão



desta forma acollhe carinhosamente o oheiro sincero e devotado, o fervoroso cultor do mais arduo e impenhor ramo litterario — a critica de theatro, quando esta é orientada pelas numerosas sciencias e artes, em que bebe, a largos haustos, leis, vida e inspiração.

Muito-me, pois, a publicar factos e idéas no jornal, cujas columnas hizarramente me frangiam, a attender-lhe o producto de tantos annos de persistente observação e de acurada analyse do microcosmo-scenico, correspondendo assim á hospitalidade, hoje rara para os que possuem o *saber d'esperienza feita*.

II

Relanceando a investigadora e curiosa vista, com a mira de lhe notarmos erros e defeitos organicos, no theatro portuguez, no viver intimo do mundo

scenico, deparasse-nos uma lacuna, um vazio: a carencia do *Codigo Theatral*, pelo qual se regem, se nos é lido este romantico verbo, toda a heterogenea população, toda a collectividade, constituida dos mais heterogeneos elementos, cujo liame de coesão; cujas relações sociais inter bastidores se regem pelo — *Acaso*!

Os theatros vivem sem lei organica, sem Codigo, sem estatuto fundamental, em que se definam e extremem os direitos e deveres de todos os factores da scena, desde o empresario até o figurante!

O direito consuetudinario impõe; que não o escripto!... Ha regulamentos de palco, consoante os lra, ou poderá haver, de bengalero ou de porteiro da caixa; mas o que não existe é um Codigo que marque obrigacoes legais e as correlativas regalías tambem legais!!

Surge uma questão, por vezes gravissima, entre um empresario e um artista... pois, meus leitores, não vigora uma lei fundamental que a resolve em face dos principios de direito escripto! Em resumo: — o theatro constitue um organismo social anarchico, cujos membros pleitos são dirimidos... pelo empirico, pelo uso... e pelo governador civil...

III

Este momentoso ponto, um topico, foi por nós offerecido á meditação dos leitores do *Diario de Noticias*, quando religimos na *Semana Theatral*, durante toda a quadra de espectaculos de 1901-1902.

Esorramos, e o reiteramos agora, que o conselho dramatico do Conservatorio elaborasse o codigo theatral, tão urgentemente reclamado pelos mais vitales interesses moraes e pecuniarios de empresas e de artistas.

Que aquelle conselho não pretira a tarefa utilissima de dotar o theatro nacional

com uma lei escripta, que grande numero dos que vivem da scena possam e devam invocar,

quando os ameace uma injustiça, uma... delapidação! Todas, todas as collectividades, se noticiam por normas legais, excepto a *Instituição* — theatro em... Portugal.

Os elevados dignitos do *Grande Elias* são o levantar, quanto possivel, o ni vel moral e intellectual, do theatro, tratando, a serio, das questões concernentes ao aperfeccionamento do que não é mero passatempo de ociosos, ou deleite entorpecido de riacos.

ALFREDO OSCAR MAY.

Primeiras representações

Theatro de D. Maria II

A Dolores, drama em tres actos de Felis y Codina, variante em verso portuguezes do sr. dr. Coelho da Carvalho

Silvas a Catalunya, pregueta por la Dolores, que se una chloa muy guapa y amiga de hacer favores

Foi um excellente espectáculo: optimo drama, desempenho quasi similante. Raras vezes tomamos tido occasião de nos sentirmos tão deliciosamente impressionados por uma representação como na noite de sabbado.

O publico presença inteira justifica tanto ao merecimento da traducção como ao bom desempenho da peça. Os applausos e as chamadas que se escutavam no fim de cada acto bem como mostravam o prazer que todos sentiam com aquella recita, que infelizmente, e com pena o dizemos, em nada se assimilou a muitas outras a que temos assistido não só em outros theatros, mas até n'aquelle.

Não faremos aqui uma analyse critica do drama: seria isso uma improba tarefa que demandaria largo estudo, e para a qual, se pretendessemos fazê-la, o espaço talvez nos não sobrasse. Peças como aquella não querem umas criticas de curto folego, demandam muito trabalho e não devem fazer-se sem que as provas sejam immediatamente qualquer condemnação ou elogio. Restringi-nos-hemos pois a dizer em poucas linhas qual o entredo de *A Dolores* e as impressões que nos deixou o espectáculo d'aquella noite.

A acção da peça passa-se em Catalunya (Aragão). N'uma estalagem serve de charariz aos freguezes uma rapariga nova e formosa, Dolores, que adoptou aquelle modo de vida por se ver abandonada pelo linceu que a deshonrou. Esse homem está prestes a contrair um casamento rico, mas Dolores serve-lhe do estorvo e elle, recebendo as suas iras, persegue-a, atormenta a sem cessar, a ponto de publicamente querer compromettê-la.

Dolores recebe indifferente, entre sorrisos, as declarações dos seus muitos adoradores, entre os que se destaca um joven seminarista, solitario da zona da estalagem, e que por ella está louco de amor. Porém Dolores não o acredita tambem, mas vendo-se mais tarde humilhada e legitimamente offendida pelo seu antigo amante, lembra-se de que está só no mundo, sem ter quem a defenda, e recorre então aos que lhe fazem a corte, offerecendo o seu amor aquelle que a desaffronta. Todos se esquivam, com excepção do seminarista, que aceita o repto e que no ultimo acto, depois de escutar uma scena violenta entre Dolores e o amante, apparece de repente para desfazer este, e n'uma luta corpo a corpo enterra-lhe uma faca no coração. Dolores então, louca de dor, quer fazer crer que foi ella quem assassinou o amante, mas o seminarista não o consente e declara-se auctor do crime.

Embora estejamos em minoria, na nossa opinião o drama *A Dolores* é uma das melhores composições que n'estes ultimos annos tem subido á scena entre nós. Beceolhe-se n'elle a pena de um escriptor dramatico, mas do escriptor dramatico como deve ser: não o homem que imagina quanto ao cinco lances mais ou menos falsos, mais ou menos arrojados, mas em todo o caso cheio de effeitos, mas o escriptor que estudou a sociedade por uma das suas faces e que no trabalho que apresenta ao publico leva tanto em mira o recreio d'elle, como ensinar-lhe a conhecer uma verdade que só se adquire á custa de um estudo bem longo e penoso, e que só o estudo da existencia, que só se consegue á forza de angustias e decepções. Não quer dizer que nós estejamos sempre de accordo com o seu auctor, mas quer dizer que no fim d'aquella peça ha muita coisa de verdadeiro mesmo para nós, apesar de se passar n'um meio tão differente do nosso.

A acção corre naturalmente, sem pressa nem lentidão, os lances estão habilmente preparados, o que dá em resultado um interesse sempre crescente da parte do espectador. E' este uma das maiores belezas da peça, o que foi mantido na primeira traducção, onde os versos se succedem em dialogo com uma natural facilidade que encenta, e em que no meio da maior naturalidade se sustentam pelo rendimento da sua forma, sem afoxar um instante.

Enquanto ao desempenho, podemos repetir as palavras que acima dizemos a respeito do especta-

culo de que nos occupamos. Raras vezes o nosso espirito experimenta no theatro sensação tão agradável como a que sentimos na noite da primeira representação de *A Dolores*.

Angela Pinto, a protagonista, manifestou em todos os actos a opulencia do seu talento e a proficiencia dos seus conhecimentos theatraes. A interpretação que deu ao seu papel affirmou de um modo positivo que as raras e felizes disposições com que a natureza a dotou para a scena lhe dão o direito de figurar honrosamente na galeria dos mais distinctos artistas.

E' tambem notavel o trabalho de Luis Pinto, que mostrou ter estudado muito a sua personagem e que disse admiravelmente bem o verso. E' um actor fino, que se apresenta muito bem, e que sem offuscar os meritos dos grandes actores, pode bem honrar com elles.

Fernando Maia, n'um papel ingrato, muito bom, assim como Ferreira da Silva, Carolina Falco, Joaquim Costa, Carlos Santos, Carlos Galvão e Firmino Sampayo.

O scenario de Manini é pintado a primor, e a marcação da peça feita com um rigor pouco vulgar. A todos, pois, aqui fica consignado o nosso applauso.

II. T.

Theatro do Principe Real

O Anjo da Meia Noite, drama phantastico em cinco actos e seis quadros, traducção brasileira

Ha trinta e seis annos que esta peça foi representada nos theatros de D. Maria e Rua dos Condes, onde então brilhavam, como estrellas de primeira grandeza, Emilia das Neves e Emilia Adelaide. Deu successivas e chentestas a esses theatros, mercê do gosto daquelle época, mas hoje não nos parece que esteja no agrado do nosso publico. O theatro d'agora é perfeitamente incompatible com essas peças da escola antiga, algumas das quaes tinham realmente valor.

Não se dá esse caso com o *Anjo da Meia Noite*, porque não se percebe bem se é drama, se é magica, se o que é. Em todo o caso, o publico que frequenta o theatro do Principe Real applaude-o sem restricções.

O desempenho foi muito regular. Alves da Silva houve-se de modo notavel na scena da embriaguez, mostrando ter dotos valiosos que deve aproveitar, estudando muito. Adelia Nobre, o Anjo da Meia Noite, desempenhou muito bem o seu papel, mostrando que deseja progredir na arte a que se dedicou. Já esta artista nos tinha agradado no *Rei Mal-dito*, e agora continuou satisfazendo nos.

Os outros artistas, em papeis mais secundarios, não desampacharam o conjuncto. Temos sempre o maximo respeito por todos os que desejam elevar-se á custa do seu trabalho, e por isso não iremos fazer censuras, que podem ser mercedias, mas que podem tambem ir desanimar boas vontades.

A companhia do theatro do Principe Real tem artistas de valor, mas conveny lhe ter um repertorio proprio. Não devem esses artistas abalancar se a grandes theatralidades. Só as azas de agnia podem elevá-los ás luminosas culminancias da arte.

JOAQUIM DOS ANJOS.



Publicamos hoje um excerpto da *Dolores*, a primeira variante em versos portuguezes do sr. dr. Coelho da Carvalho. E' um mimo litterario que, estamos certos, os nossos leitores muito deverão apreciar.

Agradecemos ao brilhante escriptor a honrosa distincção que se dignou conceder ao nosso jornal.

SCENA 9.ª DO 1.º ACTO

BOLORES e MELCHIOR

BOLORES

E tu que queres?

MELCHIOR

Trocar

Das palavras contigo.

BOLORES

Di-las, então.

MELCHIOR

Vou casar.

BOLORES

Não casar! Sou eu que o digo

MELCHIOR

Ouve e toma bem sentido:

Eu já sei que fôste encher De vellias coisas o ouvido De Jacintho pra as dizer Ao Onofre. Não te cases! Deixa-me em paz n'estes lances, Que isto tambem te faz conta.

BOLORES

Conta faz-me que não vivas.

MELCHIOR

Eu sou livre.

BOLORES

Isso que mouta? Se és livre, porque te esquivas. E assim me vens supplicar?

MELCHIOR

E' que trago hoje, querida, Para a supplica aporiar, A ameaça aperebida.

BOLORES

E com uma e outra irás, Pela estrada que trouxeste.

MELCHIOR

Quer dizer que resolveste?

BOLORES

Que não vivas nunca em paz!

MELCHIOR

Quem quer ser a progredira A custa da honra tua?

BOLORES

A minha honra!? Que asneira! Não sei já que isso possua. Tu sabes em que tomaste A minha honra. Foi tua. E um cantigas a arrastaste No pé e lamia da rua! Não ha voz aragonesa Que hoje a não vante perdida, Nem guitarra mal tangida, Que a não traga ás cordas presa, Feita em tiras. Não importa! Eu, aos toques de clarim, Diria a historia, e por fim, Quando me levasses morta Para a cova, levá-la-hia. Na cruz do caixão escripta, Se, por tal, se conseguia Negar-te a terra bendita Que mais queres tu?

MELCHIOR

Mais nada.

BOLORES

Então, rôda.

MELCHIOR

Considera

Que me obrigas, tresloncada...

BOLORES

A guardares-te! Isso espera.

MELCHIOR, troncico

Mas que medo!

DOLORES

O que te digo, E que veles, porquanto eu Não durmo e busco o castigo; Venha do inferno ou do céu, Tu crês que sou uma triste Pobre, sem aira nem beira; Mas tu ainda ha pouco viste Que pode haver quem me queira E pague caro um sorriso Um meus labios. E ha de haver Quem perca até o juizo. Quando em seus olhos eu ponha Estes meus Ha de apparecer Um homem leal, que me ame, Sem fingir, e se proponha Os meus agravos tomar Para si; e o teu infame Proceer me jure vingam! D'alma e vida dou-me a este!

MELCHIOR

D'onde vem?

DOLORES

Da occasião. Mas ha pouco não disseste Que em duas palavras... não?

MELCHIOR

Já as disse.

DOLORES subindo a escada

MELCHIOR

Fica com Deus.

Desce o panno.

Melchior etc.

DOLORES do alto da escada

Deus te guarde!

FIM DO 1.º ACTO



MOVIMENTO THEATRAL

É hoje que no theatro D. Amelia sobem á scena os tres novos originaes approvados no concerso do nosso collega O Dia.

Es a sua distribuição:

Tragedia antiga, do sr. Cesar Porto, — Ricardo, Christiano de Souza; Christiano, Chaby Pinheiro; Afonso, Augusto Antunes; Sophia, Lucilla Simões; Mariana, Estephania Pinheiro; Virginia, Laura Pedrosa.

A encruzilhada, do sr. dr. Manuel da Silva Guyo, — O prior, João Rosa; João, veterano, João Gil; Dr. Thomas de Lucca, A. Pinheiro; José Cabral, Carlos d'Oliveira; Um soldado, Francisco de Salles; Maria Pecheco, Maria Falcão.

Auto pastoril, do sr. Pedroso Rodrigues, — Violante, Rosa Durancones; Ezequiel, Eduardo Brazão; Tonia, Henrique Alves; Cego, Augusto Rosa; 1.º pastor, Frederico Lagos; 2.º pastor, F. Salles. — Menção verso: Adalina Abranches, Delphina Cruz, Maria Pia e Henrique Alves.

*A companhia Rosas & Brazão, do theatro D. Amelia, vae dar alguns espectaculos em Santarém e Coimbra, durante a permanencia de Coque-lin em Lisboa.

Em Coimbra, as peças que vão representar são a Magda, Fogueiras de S. João e Fédora, e em Santarém, o Segredo de Polchinello e Madame Flirt.

*A peça Um serao nas Laranjeiras, original do sr. Julio Dantas, que em breve subirá á scena no theatro de D. Maria II, foi assim distribuída:

O conde, Ferreira da Silva; D. José de Vagos, Fernando Mata; O marquez, Joaquim Costa; O visconde, Carlos Santos; Larcoba, Pinto de Campos; Zangueci, Augusto de Mello; D. Antonio, Luiz Pinto; D. Luiz, Theodoro Santos; Anselhor, Capaci-

ni, Cardoso Galvão; O criado, Francisco Sampaio; A duquesa, Beatriz Bonte; A marquezeta, Angela Pinto; A viscondessa, Augusta Cavaleiro; A marquiza, Amelia Vianna; Marbho, Cecilia Machado; A baroneza, Amelia Avellar; Valdivia, Iatarvia, Luz Veloso.

*A E do nosso prezado collega A Epoca a seguinte noticia, que pedimos venia para transcrever:

«Vimos hontem a maquette da scena para o 5.º acto da Resurreição, de Tolstoi, que breve entra em ensaio no D. Amelia. É uma redução pensada, em scena, do scenario, tal como elle, salvo o cuidado da execução, nos deve apparecer depois.

«O processo da maquette, com todas as suas peças — rompentos, repregos, fundo — simplifica o traçado de perspectiva scenica, rigorosa, ás vezes difficil de obter, por quanto o ponto de vista nem sempre se encontra nas dimensões do theatro.

«Na redução, o trabalho de Augusto Pina já offerece garantias de um magallico effeito scenographico. Esta scena representa uma das etapas da Siberia, onde faz o seu alto, para descanço e alimentação, o comboio de condemnados que seguem para o degredo.

«Tanto no romance como na peça este episodio é um dos mais curiosos e emocionantes da grande obra de Tolstoi.

*A No theatro do Principe Real já entrou em ensaio o drama O conde de Monte Christo, sendo a sua distribuição a seguinte:

Edmundo Dantès, Alves da Silva; Mari, Luciano; Fernando Monde, Pinto Costa; Danglart, Sepulveda; Caderousse, Machado; Abbade Faria, Roque; Alberto de Morcey, Eduardo Vieira; Maximiliano Morel, Monteiro; Bertuccio, Chaves; Juanaes, João Theiro; Jayme Silva; Dantès, pae de Edmundo, Chaves; Nektar, Gentil; Gringade, Arthur; Benedicto, Gentil; Manuel, Arthur; Director das prisões, Silva; 1.º carcereiro, Monteiro; Mercedes, Adelaide Coutinho; Gertrudes, Georgina Vieira; Pamphilo, Augusta Guerreiro.

Esta peça, de grandes effeitos dramaticos, será posto em scena com grande brilho e fazimento. N'ella figuram marinheiros, contrabandistas, gendarmes, convidadas, criados, etc.

Os quadros são os seguintes:

1.º O dia fatal; 2.º O segredo do abbaie; 3.º O morto vivo; 4.º O thesouro da Ilha; 5.º A estalagem dos contrabandistas; 6.º Os milhões de Monte Christo; 7.º O espectro do passado; 8.º O premio da honra.

A acção do prologo passa-se em 1814. O primeiro e segundo actos em 1821, e os tres ultimos, dez annos depois.



THEATRO EXTRANGEIRO

Em Paris, no theatro Antoine, representaram-se pela primeira vez, ha poucos dias, as peças seguintes: La Materielle, comedia em um acto de Gabriel Astruc; La guerre au village, em tres actos, de Gabriel Trarieux; e Au Perroquet vert, tambem comedia em um acto, traduzida do allemão por E. Lutz.

Qualquer destas peças parece que não agradou muito, sendo até um tanto asperas as apreciações dos mais abalizados criticos, principalmente quando se referem a Guerre au village. O seu enredo é pouco mais ou menos o seguinte: Henriqueta, uma rapariga nova, professora, foi em tempo azeitada por um advogado, de quem teve um filho, e que logo após este acontecimento a abandonou.

Sem recursos, parte para longe, começando a exercer o professorado n'uma pequena aldeia do Charente, quando por seu infortunio para alli se dirige tambem o seu antigo amante, que vae contrahir casamento com a filha do outro e propõe-se deputado por aquella localidade. Ferida no seu amor proprio, a pobre professora tenta fazer saber ao outro o passado do seu futuro genro, mas elle, que vê no advogado um bom partido para a filha, entende não pôr obstaculos e começa a perseguir a rapariga, que podia saber da sua triste situação accendendo os olheços do antigo amante, o qual, para evitar escandalos, lhe offerece a sua protecção para ella e para o filho, em troca das cartas d'elle que a rapariga ainda tinha em seu po-

der. Ella porém não accetta tal proposta, e prefere a lucta, na qual é facilmente vencida, porque toda a aldeia se revolta contra ella, em virtude do mandado do deputado ter dito n'uma reunião publica que nunca tinham existido relações entre elle e Henriqueta.

Apparece porém um defensor que se apaxinou por ella e que quer tornar publicas as cartas compromettedoras. Essas cartas são-lhe arrancadas das mãos, o candidato é eleito e a desgraçada professora tem de deixar os seus discipulos e a aldeia, e onde foge na companhia do filho e do seu não menos felle protector.

A falta de espaço não nos permite dar noticia das outras duas comédias.



Club Simões Carneiro

Realisou-se no passado domingo n'este club, um sarau promovido pela sua intelligente direcção e em que tomou parte o grupo dramatico da referida agremiação.

Representou-se em um acto O senhor vari no Club, desempenhada correctamente pela sr.ª D. Emilia Ferreira e Julio de Souza, e fizeram-se ouvir em grande numero de monologos e canções, além d'estes amadores, a sr.ª D. Dorothea Coutinho e os srs. Armando Soares, Alfredo Silva e Augusto Martins, que foram applaudidos.

As horas da noite correram no sr. Alfredo Silva, que dispoe de bellas recursos scenicos e que na scena uniu de amor e na execução O heroe da cambaicha se pariu como um verdadeiro artista. Diz bem, accentua ainda melhor as phrases e dispoe de um bello juizo physionomico.

Tambem nos não passou despercebida a forma correcta como o sr. Amílcar do Iuso diz o verso.

Aguardamos occasião de ouvir estes amadores em trabalhos de maior responsabilidade, para mais minuciosamente nos pronunciarmos a seu respeito.

Findo o sarau, apresentaram-se na sala, fazendo equilibrios no arame, os srs. Delfonso Sacramento e José Pedro das Santas, que resolveram dedicarem a carreira artistica. Terminam seguir d'aqui para Hespanha, vindo depois trabalhar no Porto e mais tarde a Lisboa. Foram muito applaudidos, sendo de esperar que com um botadino de perseverancia venham a ser bons artistas.

Sociedade João Rodrigues Cordeiro

No passado domingo houve n'esta florentissima sociedade uma bella recita promovida pela direcção; tomou parte n'ella o applaudido grupo Trio Valtus, que desempenhou a zazuella n'um acto Pura e Scilla, a comedia Careto e bolas e um acto de Follies-Bergeres. Seguiu-se a recita um deslumbrante baile, que se prolongou até depois das tres horas da madrugada. O pianista sr. Antonio Mello houve-se com a sua conhecida correcção.



Tem-me dado que acismar e ando cá a matutar n'uma certa anomalia que existe em D. Maria!

Ha muito que ouço dizer, e é bem antiga a piada, que onde ha galos a valer, os pintos não valem nada.

Mas indo a D. Maria ouvi o drama A Dolores, rejeitei tal theoria os pintos teem valores!

Luiz Pinto e Angela Pinto, a quem devo comparal-os? Eu por mim, digo o que sinto, já não são pintos são gallos!

Tvv.

Almanach d'O DIA

Preço 100 réis

PIERRE SALLES
AVENTURAS PARIENSES

A FORMOSA COSTUREIRA

Elegante publicação nitidamente impressa e illustrada com gravuras dos melhores artistas francezes.

Brindes mensaes a todos os assignantes (sem excepção)

Uma bonita capa impressa a cores, para brochur cada volume de 144 paginas.

Condições da assignatura As *Aventuras Parisienses* serão publicadas em fasciculos semanais de 2 ou 4 folhas distribuidas á vontade do assignante e ao preço de 10 réis cada folha de 2 paginas com 1 ou 2 gravuras.

Tambem se assigna a volumes mensaes de 144 paginas com 24 gravuras, brochados, tendo as capas divorcos de senhores allusivos a cada episodio do romance, por 300 réis.

Assigna-se:

EM LISBOA

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS

Rua Garrett, 75 e 76

170 PORTO

Centro de Publicações — Praça de D. Pedro

Em todas as terras do reino, ilhas, provincias ultramarinas e Brazil, onde a Empresa tem correspondentes.

MECO & IRMÃO

DEPOSITO de
PAPEIS DE IMPRESSÃO

23, 21, 22, Largo da Abegaria, 23, 24, 25

LISBOA

J. SANTOS ROCHA

Rua do Arsenal, 98

Grande sortimento de bilhetes postaes illustrados. — Sólidos para reflectões. — Tabacos nacionaes e estrangeiros. — Illustrações estrangeiras. — Assignatura permanente de figurinos para homens e senhoras.

Sabonete BRAVURE!

PARA LIMPAR TODOS OS RETEAS

A' venda em todas as drograrias

DEPOSITO
DROGARIA DE Joaquim Pedro Pinto
RUA DA BOA VISTA, 136 e 138

Santos, Vieira & C.^{ta}

Romeu e Julieta

Todos conhecem estas dois nomes como sublimes modelos de amantes desditosos. A historia d'esses amores celebres não-se descripta no romance *Romeu e Julieta*, inspirado na tragedia de Shakspeare. Edição com gravuras. Cada fasciculo 50 réis, cada tomo 200 réis. Empresa Litteraria Fluminense, Rua dos Beirinhos, 125 — Lisboa.

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 24000 réis por mox, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua de Crucifixo, 116 — LISBOA

TABACARIA GODINHO

LOTERIAS, SELLOS, LETRAS E PAPEL SELLADO

Artigos de capellaria — Sabão e sabonetes

Visinhos finos do Porto, Caracullos, Colares, Gataxos e Thomar, Azete fainissimo, Aguardentes e floores, Tentinhos, Limas, Cotos de aço e mais objectos proprios para serraduras.

1ºO, Rua da Boa Vista, 162

LISBOA

Nestlé

Farinha Lactea

Emulsão d'oleo de bacalhau com

phosphatos assimilaveis, de J. TAVARES

Remedio magnifico contra a Debilitação, Escrofula, Rachitismo, Lymphatismo e Typho insipiente. Remedio que as creanças e mais com agrado.

Muito mais barata do que a de SCOTT. Pedir EMULSÃO TAVARES.

Depositos: Ph. Nova, rua Nova da Piedade, 14 e 15; casa ph. de J. F. Alves d'Azevedo, rua do Principe; ph. Sabino, rua de S. Paulo — Lisboa.

A'lerta, amadores!

DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

Continua a receber bons vinhos verdes e maduros, bons pellices com azeite

Venham-se na companhia

Casa de JOSÉ GARCIA

40, Largo do Conde Barão, 40

FABRICA NACIONAL

DE

Papeis Pintados

de Dias, Teixeira & C.^a

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (couchés) e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photographia, Encadernação, Cartonnagens, etc.

Depositos para venda a retalho

José Narcizo d'Aguiar & C.^{ta} (F.^{ms})
13, Avenida da Liberdade, 17

José Miguel dos Santos em C.^{ta}
102, R. Nova do Almada, 40 1

DEPOSITO GERAL E ESCRITÓDIO

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA

ALVES & ALMEIDA

ARMAZEM

DE
Drogas, tintas e productos chimicos

25, R. do Largo do Corpo Santo, 27

34, TRAVESSA DO CORPO SANTO, 36

LISBOA

TABACARIA ESPERANÇA

ESTAMPILHAS, LETRAS E PAPEL SELLADO

Deposito de tabacos nacionaes

— DE —

Azevedo & Azevedo

2, Rua da Esperança, 8 — 1, Rua do S. Bento, 5

LISBOA

ANTONIO FURTADO DOS SANTOS

ESTABELECIMENTO DE

Forragens, estanho, zinco e cobre

TORNOS E ENGENHOS DE FURAR

Folha de Fiandres, chumbo em tubos, laminado e em barra, balancos dos systems Roberval e decimal e peças do novo systema.

144, Rua da Boa Vista, 146

LISBOA

Não se responsabiliza por requisições que não sejam devidamente assignadas e carimbadas

Fabrica Nacional de Conservas

MOVIDA A VAPOR

Ginjal — Almada

(Antiga Fabrica da Rua do Poço das Negras)

DE

A. LEÃO & C.^{ta}

SUCCESSORES DE LINO & C.^{ta}

Escriptorio — Rua do Poço das Negras, 103 e 103-A

LISBOA